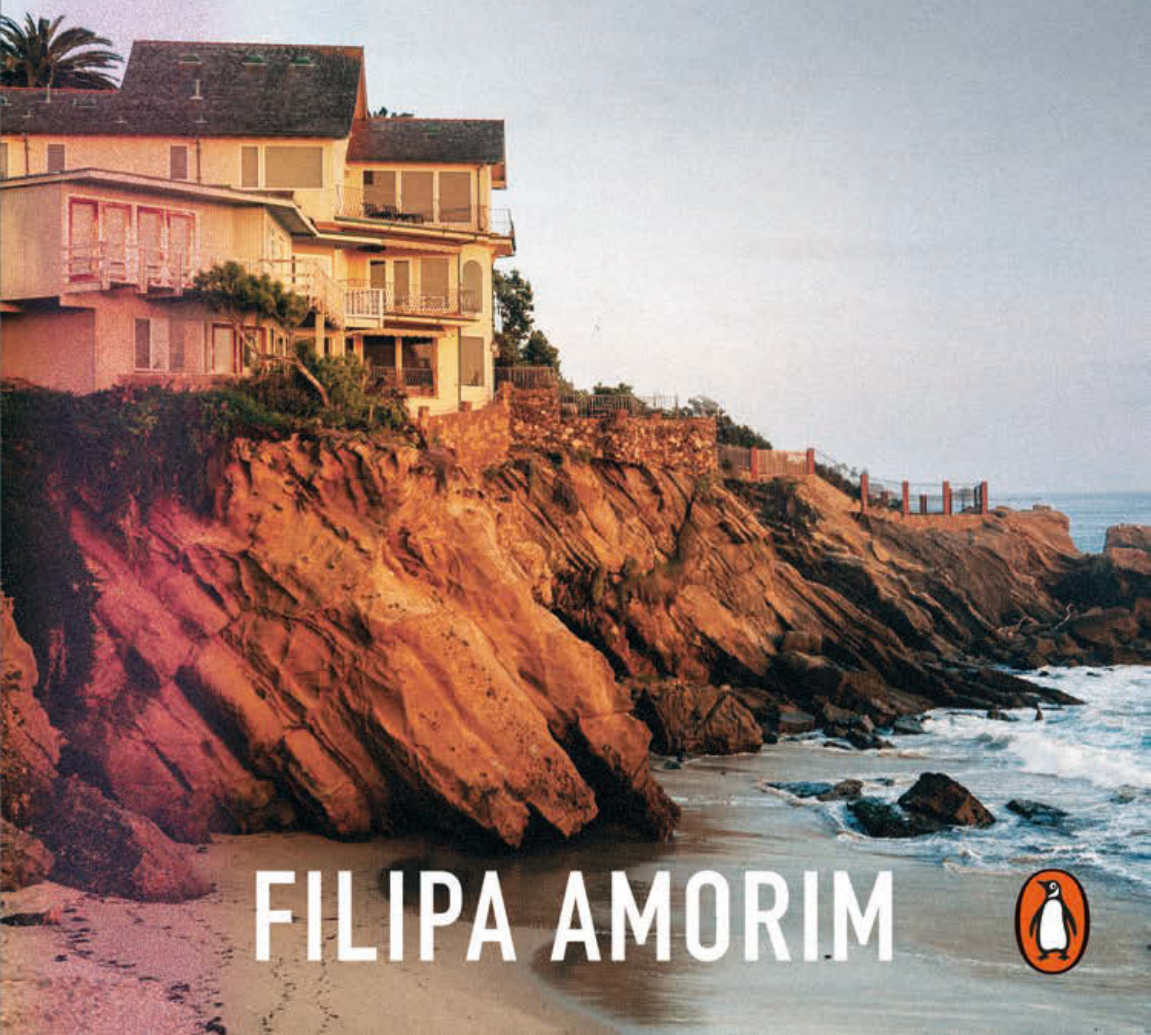


# A CASA DA FALÉSIA



FILIPA AMORIM



*You said that you love me  
And that you always will  
Oh, you begged me to keep you  
In that house on the hill.*

«BIG LOVE», FLEETWOOD MAC

«A minha tendência fatal para  
tentar tornar boas as pessoas interessantes.»

*A HISTÓRIA SECRETA*, DONNA TARTT

*Here's the pride before the fall  
Oh, your eyes, they show it all  
I can see it coming  
I can see it coming  
As I rise up through each floor  
Shit gets dark and you lose it all  
I can hear it coming  
I can hear the drumming*

«NO ONE'S HERE TO SLEEP», BASTILLE

Tinham todos ar de mentirosos.

Sabia que era isso que o parceiro pensava da família sentada diante deles. Embora não tivesse uma visão tão cínica do mundo e ainda gostasse de dar o benefício da dúvida às pessoas, desta vez tinha de concordar com ele. Aquela gente esforçava-se demasiado por parecer inocente, e a experiência ensinara-lhe que, quanto maior o esforço, mais há a esconder.

Estavam todos apertados no sofá bege, que custaria o equivalente a três ou quatro ordenados dela, mas não deixavam de esbanjar elegância. Apesar do calor, estavam todos impecavelmente vestidos, como se de seguida fossem fazer uma sessão fotográfica para uma daquelas revistas que desvendam a vida dos famosos e privilegiados, esfregando-as na cara de quem as lê para que nunca ousem sentir-se suficientes. Para que julguem sempre que estão abaixo da média, abaixo das expectativas. A falhar na vida.

Pois bem, a ela parecia uma falha muito mais grave a rainha não constar do retrato da família real.

Só que não era assim tão simples. O instinto dizia-lhe que não era somente outro caso de uma ricalhaça que se aborrecera da vidinha descansada que levava e decidira fugir, preocupando a família e levando-a a chamar a Polícia, para depois fazer a sua entrada dramática em cena. Já lidara com casos desses, mas, neste, havia algo mais. Não acreditava em intuição ou pressentimentos, e sabia que o colega reviraria os olhos se a ouvisse falar em sexto sentido feminino, mas, fosse o que fosse que estivesse a sentir, não a deixava julgar aquela família pela imagem que transmitia.

Até porque assim não conseguiria manter a distância e a imparcialidade necessárias à sua função, e era para isso que ali estava: para tirar aquela história a limpo.

— Mais alguma coisa? — perguntou, tentando manter um tom cordial. — Todas as informações que nos derem, nesta fase, podem ser essenciais para a encontrarmos.

— Já vos dissemos tudo o que sabemos — retorquiu o patriarca, contrariado.

Porém, não era nele que estava focada. Era na rapariga, baixa e franzina, sentada à direita do filho mais velho do clã. De olhos no chão e a morder o lábio, chamava demasiado a atenção. Os outros podiam parecer tensos, sim, mas ela estava *assustada*.

Era a pior mentirosa de entre eles. O elo mais fraco.

Seria ela a revelar-lhes a verdade.

# Capítulo 1

*Três dias antes*

Espiou-o sem ele dar conta. De olhos semicerrados de êxtase, abanava a cabeça ao sabor da música. Não conhecia aquela — devia ser de alguma banda dos anos 70 ou 80; ele é que era fã delas —, mas ficava no ouvido. Uma das mãos dele manobrava o volante; a outra percorria a coxa dela, tamborilando os dedos ao ritmo da canção e provocando-lhe um formigueiro de prazer. Desapareceu de repente, quando ele precisou de trocar de mudança, mas logo voltou aonde pertencia. Ela mordeu o lábio para disfarçar o sorriso e tornou a olhar pela janela.

Estava um dia lindo e a vista era encantadora. De um lado da estrada, vivendas de um ou dois pisos, todas bem cuidadas. Do outro, o passeio, em calçada, pontuado por banquinhos de madeira, com toldos às riscas brancas e vermelhas frente ao muro de pedra caiada. E, para lá dele, a praia, uma imensidão de areia e mar até ao horizonte, sob um céu azul fulgurante. Abriu mais a janela e inspirou fundo.

Vasco avisara-a de que iria gostar, não que se iria apaixonar.

Tinham vindo a abrir na autoestrada, mas, chegados à cidade, abrandaram — o que, para Vasco, significava manter-se apenas trinta quilómetros acima do permitido —, e abrandaram um pouco mais ao entrar na povoação. Seguiram por estradas esguias, que, em certos casos, nem deveriam ser de dois sentidos, onde o trânsito se condensou. Vasco comentou que era por ser sexta-feira: as pessoas saíam mais cedo do trabalho e vinham andando, para aproveitarem o fim de semana ao máximo.

Tal como eles, pelos vistos. O GPS indicava que iam chegar antes da hora prevista, mas, pela forma como Vasco conduzia, parecia que estavam atrasadíssimos. Outra pessoa já o teria chamado à atenção não só pela velocidade, como pelo facto de ir demasiado relaxado, tão entregue à música que, por vezes, até fechava os olhos para atacar os refrães com mais força; mas ela manteve-se em silêncio.

Ele sabia o que fazia e ela tinha total confiança nele.

Por isso, deixou-se ir, pernas nuas esticadas sobre o tabliê, cabeça recostada no banco, olhos quase fechados e sorriso indolente nos lábios. Lisboa estava um forno, mas, à medida que subiam a costa, começara a levantar-se uma brisa. Vasco avisara que, no Oeste, era preciso andar sempre com um casaco atrás, não fosse o tempo mudar de repente. Ainda assim, sabia-lhes tão bem que iam de janelas abertas e cabelos ao vento.

— Oh, esta é tão boa! — exclamou Vasco.

Prestou mais atenção à música. Ia jurar que conhecia aquela, mas não disse nada. Vasco ficava sempre pasmado com a sua fraca cultura musical pré-década de 2000.

— *I just want to walk right out of this world, 'cause everybody has a poison heart...*

Fechou os olhos, deixando-se embalar pela voz dele. Caramba, cantava mesmo bem. Era uma das muitas coisas que adorava nele.

Tornou a abri-los quando sentiu o carro abrandar. Saíram da estrada alcatroada para uma rampa, em calçada cinzento-clara, e viu, ao fundo, a casa à beira da falésia.

Vasco cantou mais alto o segundo refrão, enquanto percorriam os últimos metros até àquilo que poderia figurar no dicionário como a ilustração perfeita de uma casa de praia. Dois andares, paredes brancas, janelas e telhado, com águas-furtadas, em azul-acinzentado. Fora construída há décadas, mas, apesar de estar tão exposta aos elementos, continuava a parecer novinha em folha. Um jardim envolvia o piso térreo, delimitado por uma cerca

de madeira branca, que mal conseguia conter as hortênsias, brancas e azuis, que espreitavam nos interstícios. O jardim continuava para as traseiras, onde havia uma zona de refeições. Vasco dissera-lhe que o pai se considerava o mestre das brasas e que a mãe adorava receber família e amigos aos almoços de domingo. De facto, conseguia imaginar aquela casa cheia de gente, gargalhadas a reverberarem pelo ar, brindes em copos de cristal, cerveja ou vinho para acompanhar os grelhados, crianças e cães a correrem pelo jardim e um jogo de futebol em pano de fundo.

Era a casa dos seus sonhos.

— *'Cause everybody has a poison heart* — entoou Vasco.

Estacionou paralelo à cerca, atrás de três automóveis topo de gama, como o dele.

— Ramones, *baby*. Do melhor que há — desligou o motor e encarou-a. — Pronta?

Ante o sorriso acanhado que recebeu em resposta, saiu do carro e foi abrir-lhe a porta, tranquilizando-a com um: «Já te disse que não tens nada a temer, eles vão adorar-te.» Foi buscar as malas ao porta-bagagem, enquanto ela pegava no ramo de flores, que viera no banco de trás. As mãos tremiam-lhe tanto que acabou por apertá-lo demasiado contra o peito, e às tantas não sabia se o fazia para não o deixar cair ou para o coração não sair disparado. Fechou os olhos, aproximando do rosto o arranjo de rosas, gerberas e frésias. Como sempre, o perfume das flores acalmou-a.

Seguiu Vasco para lá do portão e ao longo do caminho empedrado até à porta, ladeada por vasos de pedra com plantas de um verde-escuro viçoso. Por cima destes, na parede, pendiam dois candeeiros de exterior. Vasco pousou as malas sobre o tapete, com o típico *Bem-vindos* numa caligrafia graciosa, e tocou à campainha.

E, de repente, sentiu que estava a cometer um erro gigante.

Não havia como negar: ela e Vasco vinham de meios muito diferentes. Ele esforçava-se por a distrair disso, dizia-lhe vez após vez que não queria saber do dinheiro para nada, que o mais

importante era quão feliz se sentia ao seu lado. Ela, por sua vez, esforçava-se por aprender mais regras de etiqueta, para que, no dia em que ele finalmente a apresentasse à família, não sobressaísse como uma nódoa na toalha imaculada. Era, contudo, um desejo vão. Nem o vestido amarelo-claro, leve e esvoaçante, comprado de propósito para a ocasião, a salvaria. Custara um balúrdio e obrigá-la-ia a reduzir as despesas até ao fim do mês, mas julgara ter valido a pena quando, ao aparecer com ele vestido, vira os olhos de Vasco esbugalharem-se.

Enganara-se. Diante daquela mansão, sentiu-se uma pelintra a querer fazer-se passar por classe alta. Uma impostora.

— Vasco, eu...

Ele calou-a com um beijo que a fez perder o equilíbrio, e ainda estava a tentar recuperá-lo quando a porta se abriu, revelando a mãe dele do outro lado.

E lá se foi o equilíbrio outra vez.

Também já a vira em fotografias, mas, ao vivo, Madalena Saavedra era ainda mais impressionante. Quase tão alta como o filho, magra e dona de uns magníficos olhos azuis, usava o cabelo, de um louro natural bonito, solto, chegando-lhe pouco abaixo dos ombros. Queria certamente transmitir um ar descontraído, mas parecia acabada de sair do cabeleireiro. Os lábios eram finos, em comparação com os do filho, mas ficavam-lhe bem. Davam-lhe uma elegância régia, de estrela de Hollywood, com a qual não combinavam o avental e as luvas de forno com que apareceu.

— Chegaram cedo! — exclamou. O sorriso tornava-a ainda mais bonita.

— Ela não aguentava esperar nem mais um segundo para a conhecer — segredou Vasco, recuando de seguida. — Mãe, esta é a Inês.

— Muito prazer — conseguiu balbuciar, num tom esganiçado e parvinho.

— Oh, Vasco, ela ainda é mais adorável do que nas fotografias!

*Bonita e boa mentirosa? O pacote completo*, pensou Inês.

— Este tom de amarelo fica-lhe muito bem — disse Madalena, compondo-lhe a alça do vestido, que descaíra do ombro.

— Obrigada. — Inês sorriu, coração a palpitar, e ofereceu-lhe o ramo. — São para si.

— Não era preciso! Mas obrigada. São lindas.

Madalena aproximou-as do rosto, inspirando o perfume, e no fim passou o ramo ao filho e puxou Inês para um abraço. Cheirava a cebola acabada de cortar, e os olhos de Inês encheram-se de lágrimas, que Madalena interpretou como comoção.

— Não precisa de ficar assim, olhe só para isto! — Abafou uma gargalhada e desviou-se da porta. — Bem-vinda a casa.

O sorriso de Inês tremeu. A vontade de que aquilo fosse real era tão grande que chegava a doer.

— E agora, filho, dê-me lá um beijo como deve ser.

Vasco pregou-lhe um beijo tão repenicado que fez Inês sorrir.

Não era novidade nenhuma que era um menino da mamã.

— O pai? — perguntou Vasco, quando a soltou e passou pela porta com as malas.

— Está lá para trás, com o *Sal*. Venha, Inês, assim apresento-vos já.

Seguiu o filho, deixando Inês petrificada à porta, à espera, qual vampiro, do convite formal para entrar. Quando percebeu que não o fariam, que esperavam que entrasse como se a casa fosse sua, munuiu-se de coragem e avançou.

O corredor comprido, impregnado de um aroma requintado, terminava numa janela com vista para o jardim. Enquanto Inês pasmava para a paisagem, Madalena tirou-lhe a mala e o blusão de ganga e guardou-os num roupeiro encastrado na parede.

— Tem uma casa linda, dona Madalena...

— Dona Madalena era a minha mãe! Trate-me por Madalena, sim?

— OK, vou tentar.

— Ótimo. Ouça, esqueci-me de perguntar ao Vasco se gosta de marisco...

— Sim, adoro!

Madalena piscou o olho a Vasco e continuou a caminho da cozinha. Inês começou por ir atrás dela, mas uma moldura, na parede do corredor, chamou-lhe a atenção.

Madalena surgia ao centro, a rainha orgulhosa da sua prole. À esquerda, com o braço em redor da sua cintura, estava Gustavo. Inês voltou a pensar que Vasco era uma fotocópia dele. O pai também era alto e entroncado e, em novo, tivera cabelo denso e escuro. Agora, já estava mais para o grisalho, tal como a barba bem cuidada, que cobria o queixo e os maxilares bem marcados. Os olhos eram castanho-escuros, e até as sobrancelhas, embora mais grossas que as do filho, formavam o mesmo arco expressivo. Conseguia imaginá-lo de semblante carregado, mas, naquela fotografia, o sorriso aberto dava-lhe um ar mais simpático.

Passou aos restantes membros da família: Sebastião, o filho do meio, e Camila, a mais nova. O primeiro sentava-se à direita de Vasco, que, por sua vez, estava à direita da mãe, e Camila surgia à esquerda do pai. Vendo-os assim, lado a lado, até ficava com pena de Madalena, cujos genes não tiveram a mínima hipótese. Os filhos saíram todos ao pai.

— O Tião e o Benny já chegaram? — perguntou Vasco.

— Não, vocês foram os primeiros — disse Madalena, sorrindo a Inês. — E ainda bem, que assim posso conhecê-la com calma.

Inês retribuiu o sorriso, continuando a segui-los pelo corredor. A meio, um arco abria passagem para a sala de estar — ou, melhor dizendo, o salão. Era tão grande que parte das janelas tinha vista para a frente da casa e as últimas já davam para as traseiras. Porém, apesar do tamanho e do luxo — tivesse sido Madalena a responsável ou algum decorador profissional, fizera um excelente trabalho; a casa podia figurar numa revista de decoração de interiores —, não deixava de ser acolhedora. O chão e a mobília eram de madeira

escura, o teto e as paredes beges e a decoração em tons pastel. Viam-se apontamentos em azul-escuro, como as almofadas dos sofás e as capas dos livros, nas estantes e na mesa de centro, mas nada de boias, âncoras ou estrelas-do-mar. Ali não havia lugar a clichés desses. Como a sua avó costumava dizer: «Não é um museu, é uma casa com gente dentro.»

O corredor desembocava numa cozinha tão ou mais impressionante que a sala. Era ampla e luminosa, e via-se tanto da zona do deque, do jardim e do mar, lá ao fundo, que Inês estacou à porta, obrigando Madalena a parar também.

— É uma bela vista, não é? — comentou, rindo-se do seu ar embasbacado.

— É... é incrível!

— Ainda bem que gosta. Esta casa é o meu orgulho. Sempre quis ter um lugar acolhedor para receber a família e os amigos de vez em quando...

— Só de vez em quando? — provocou Vasco.

Devolveu-lhe o ramo e foi buscar uma maçã à fruteira de madeira clara, sobre a ilha da cozinha, dando-lhe uma dentada vitoriosa.

— Olhe que depois não almoça — ralhou Madalena, enquanto contornava a ilha para chegar ao armário.

Tirou uma jarra de porcelana amarela e encheu-a à torneira. Pousou-a no centro da ilha, enquanto Inês admirava a cozinha. A bancada era branca, os armários azul-celeste e os bancos da ilha de um castanho-alaranjado surpreendente, o mesmo tom das prateleiras, encastradas na parede, que exibiam diversos potes e taças.

Quando Inês viu quão bem as flores se enquadravam nos tons da decoração e da mobília, o coração inchou-lhe tanto de orgulho que quase deixou de caber no peito.

— A Inês está apaixonada pela cozinha. — Vasco riu-se.

— Estou mesmo, dona... desculpe... Madalena.

Madalena assentiu em aprovação, no instante em que Gustavo entrou em cena.

— Ora vejam só quem decidiu chegar a horas! — atirou, de braços abertos.

Vasco devolveu-lhe o abraço enquanto Inês era distraída pela chegada de outro membro do clã que já vira em fotografias e estava ansiosa por conhecer.

*Sal* entrou atrás de Gustavo, saltou às pernas de Vasco, pedinchou festas a Madalena e, por fim, aproximou-se de Inês, com a total ausência de medo de estranhos que só um golden retriever teria. Inês deixou-o lambe-lhe o queixo enquanto lhe fazia festas no pelo sedoso, que começava a clarear pela idade avançada.

— Olha, até o *Sal* a adora — comentou Madalena, piscando o olho a Vasco.

— Oh, esses dois foram feitos um para o outro, só não sabiam. Gustavo largou o filho e dirigiu-se a Inês.

— E finalmente conhecemos a encantadora Inês! Já não era sem tempo, hã?

— Temos tido tanto trabalho que ainda não tinha sido possível cá virmos...

— O que interessa é que vieram, e, veja, trouxeram-nos flores e tudo! — retorquiu Madalena, antecipando-se à resposta de Gustavo, e acrescentou para Vasco: — Ligue aos seus irmãos e veja se eles demoram, por favor.

Ele tirou o telemóvel do bolso e saiu para o jardim, já a iniciar a chamada.

— Cuidado, querida. Parece que aqui a Inês também tem bom olho para as flores — brincou Gustavo, sentando-se à ilha e acariciando as pétalas das rosas.

— N-não é uma competição... — gaguejou Inês.

— Ah, não ligue, ele gosta de me provocar — disse Madalena, revirando os olhos, divertida.

— Sim, estava a brincar — concordou Gustavo, cruzando os braços sobre a bancada. — Mas vamos ao que interessa: conte lá, como é que a Inês e o Vasco se conheceram?

— Se calhar, é melhor esperar pelos irmãos dele...

— Conta outra vez nessa altura, não há problema — insistiu Gustavo, ainda a sorrir.

Um sorriso do tipo *ou vai a bem, ou vai a mal*.

— Conhecemo-nos num café-florista — começou Inês, tentando impedir o nervosismo de lhe esganiçar a voz. — Aqueles que têm a zona das plantas, vasos e decorações para a casa, e outra para o café e a esplanada, sabem?

— Sim, são muito giros esses espaços — comentou Madalena.

— Foi lá beber um café? — questionou Gustavo.

— Não... estava a servir às mesas.

Antecipara aquele momento, preparando-se para o desprezo que lhes veria nos olhos, mas só Gustavo o mostrou. No entanto, disfarçou-o tão depressa que, se não estivesse concentrada nele, nem se teria apercebido.

Madalena, pelo contrário, conservou o sorriso e a simpatia intactos.

Vasco dissera-lhe que não tinha com que se preocupar, porque a sua família não julgava ninguém pela classe socioeconómica a que pertencia. Dissera-lhe que a única coisa que importaria aos pais era que ela o fizesse feliz, e Inês fingira acreditar, mas só agora, perante a reação de Madalena, se permitia ceder ao alívio.

Gustavo podia parecer um pouco mais de pé atrás com a questão, mas, pelo menos, continuava a ter Madalena na sua equipa.

— A Inês tem um dom para as flores — disse Vasco, que regressara e parecia ter ouvido o final da resposta. — Ajuda no café quando é preciso, mas devia estar sempre com as flores. Faz os arranjos mais bonitos que saem de lá.

— Não exageres — pediu Inês.

— O Vasco não elogia em vão — avisou Madalena. — Basta ver por este ramo maravilhoso! Mal posso esperar para ver o que vai trazer para a próxima.

A naturalidade com que o disse, antes de se virar para continuar a mexer o arroz de marisco, como se já fosse um dado adquirido que aquela seria a primeira de muitas vezes que Inês iria ali a casa, aqueceu-lhe o coração. Vasco virou-a para si e piscou-lhe o olho: *Estás a ver? Não te disse que ia ser canja?*, antes de lhe dar um beijo muito pouco próprio, que até arrancou um ladrar de aviso de *Sal*.

Foram salvos pela campainha, que ecoou pela casa, e Inês preparou-se para conhecer os restantes membros do clã.

## Capítulo 2

Vasco foi abrir a porta, regressando à cozinha acompanhado de uma versão mais jovem e descontraída dele. Sebastião podia ser da mesma altura que o irmão, mas era mais magro, e o cabelo, num falso despenteado, a ausência de barba e a roupa — alpercatas, calções azul-escuros, camisa de padrão exótico e óculos *Ray-Ban Wayfarer* — faziam-no parecer muito mais novo, embora só tivesse menos dois anos que Vasco.

Entrou e foi abraçar a mãe, rodopiando com ela nos braços.

— Olá, mamã! — cumprimentou quando a pôs no chão.

— É o único que ainda a trata assim — segredou Vasco a Inês.

— E é uma pena que vocês os dois tenham deixado de o fazer — acusou Madalena.

— Já não temos idade para essas coisas — resmungou Vasco.

— É por essas e por outras que continuo a ser o preferido deles — provocou Sebastião, antes de se virar para ela. — Tu deves ser a maravilhosa Inês.

Adorável, encantadora, maravilhosa. Era um exagero, mas calou-se e deixou Sebastião abraçá-la quase com tanto entusiasmo como abraçara a mãe.

— Bem-vinda — sorriu, quando a soltou. — Estão a tratar-te bem?

— Melhor é impossível.

— Dizes isso porque a Cami ainda não chegou.

— Vasco! — ralhou Madalena.

— Ah, claro, teria de estar alguém para morrer para ela já ter dado ares de sua graça — riu-se Sebastião, enquanto fazia festas a *Sal*.

— E o Benny, não vem? — perguntou Vasco.

— Não. Chamaram-no para cobrir o turno de um colega. Mas manda beijinhos a todos — disse Sebastião, voltando a Inês: — O Vasco já te disse que o Bernardo e eu...?

— Sim, sim, já me falou de todos. É uma pena não poder conhecê-lo.

— Conheces para a próxima — disse Gustavo.

Madalena estava virada para o fogão, Vasco entretido com o telemóvel e Gustavo já ia a caminho da porta, com *Sal* atrás dele, por isso só Inês viu a sombra que cruzou os olhos de Sebastião. No entanto, e à semelhança do pai, quando disfarçara não ter gostado de ouvir que ela era empregada de mesa, também mascarou depressa o desgosto.

Contudo, adivinhando que não o fizera depressa o suficiente, olhou para Inês e lançou-lhe outro sorriso desarmante.

— Então, conta lá: como é que tu e o Vasco se conheceram?

Com Gustavo já no terraço, Inês sentiu-se mais à vontade para responder. Sebastião mostrou-se entusiasmado, já que também gostava de cafés-florista, e até prometeu um dia ir lá dar-lhe um beijinho. Confirmou-se a impressão com que ficara de todas as vezes que Vasco lhe falara da família: Sebastião era o mais doce, mais ainda que Madalena — uma lufada de ar fresco e um raio de sol a iluminar todos os espaços em que entrava.

— Bem, a Cami chega ou não? Estou cheio de fome — reclamou Vasco.

— E o arroz está pronto — anunciou Madalena, apagando o lume.

— Vamos andando para a mesa — propôs Sebastião.

— Já sabe que não gosto de começar sem estarmos todos...

— Sim, mamã, mas também conhece a filha que tem. Sabe-se lá a que horas chega!

Madalena revirou os olhos, mas não o impediu de levar a travessa. Vasco foi buscar o vinho e Madalena conduziu Inês até ao jardim.

Sobre o deque de madeira via-se uma mesa, onde se sentariam à vontade dez pessoas, coberta por uma toalha de linho branca, com a bainha bordada a azul. Flores e velas surgiam por entre os copos. Sebastião já as acendera, para ajudarem os candeeiros de exterior a iluminar a área, e para impregnarem o ar de aroma a lavanda. Para lá do deque, o jardim estendia-se até à cerca. Ao longo dela alinhavam-se canteiros exímios. Hortênsias e mais hortênsias, bocas-de-leão, primulas, rosas e amores-perfeitos. Para lá da cerca via-se a falésia, o mar e o mais bonito pôr do Sol do mundo.

Inês ficou de tal forma embasbacada que Madalena teve de lhe dar um empurrãozinho para a conduzir ao seu lugar, à esquerda de Vasco, que reapareceu com duas garrafas de *Chardonnay* geladas.

Madalena ia começar a servir o marisco quando ouviram a campainha.

— Vá lá, deve ser a sua irmã — pediu Gustavo a Sebastião.

Ele foi abrir a porta, voltando com uma Camila esbaforida, ainda a despir o *blazer* e a tirar os óculos de sol gigantes, a correr à volta da mesa para distribuir beijos e abraços e a comentar quão bem cheirava o jantar e a pedir desculpa pelo atraso e...

— Oh, olá! Inês, não é? É tão bom conhecer-te!

Inês ainda estava a tentar levantar-se, e já Camila a envolvia num abraço tão vigoroso como dera aos restantes. O perfume dela permaneceu à sua volta depois de Camila se encaminhar para o seu lugar, ao lado do pai.

Nas fotografias, parecera ter uma beleza fria: vestia-se sempre de forma cuidada, cabelo apanhado num rabo de cavalo irreprensível e fatos ainda mais formais que os de Vasco. Porém, se Inês não o visse fora da indumentária de trabalho, também o julgaria frio, quando não podia estar mais longe disso.

Camila, pelos vistos, era igual. Podia parecer a presidente de uma empresa multimilionária — e, francamente, até parecia mais

velha do que era —, mas a descontração com que se sentava à mesa, deixando que *Sal* lhe pusesse as patas no colo e se esticasse para lhe lambe o rosto, deitava essa imagem por terra. Cara a cara, era alegre, vibrante, intensa. Talvez até demais.

Como que adivinhando os pensamentos de Inês, Vasco pegou-lhe na mão, para lhe beijar os nós dos dedos, e sussurrou: «Só mais um bocadinho até ficarmos a sós.»

Mas não queria ficar a sós com ele. Bem, querer, até queria — ainda estavam na fase em que, por sua vontade, só saíam da cama para as necessidades básicas, vivendo, de resto, entre os lençóis, enredados um no outro até lhes faltar o ar —, mas, naquele momento, o que mais queria era estar com a família dele à volta daquela mesa tão bonita, prestes a desfrutar de um jantar divinal e daquele entardecer digno de um filme.

— O que é feito do Benny? — perguntou Camila a Sebastião.

— Teve de ficar a trabalhar. O que é feito do Ricardo?

— Foi à vida dele. Não, não há mal nenhum! Estou muito melhor sozinha.

— Concordo. Nunca fui com a cara dele — juntou-se Gustavo.

— Nunca vai com a cara dos namorados dela, papá — acusou Sebastião.

— É uma sorte ter ido com a do teu — provocou Vasco.

— Não sejam assim. Não se via logo que aquele tipo não tinha nada na cabeça?

— Sabe que não digo isto só para ficar do lado do seu pai, mas, realmente, não era lá grande escolha — concordou Madalena.

— Então, ainda bem que já lá vai, não é? — rematou Camila, voltando-se para Inês. — Vai-te habituando, querida: nesta família, todos se metem na vida uns dos outros.

— Porque vos queremos bem — defendeu Gustavo, erguendo o copo no ar. — É bom saber que ganhou juízo, filha.

Camila revirou os olhos, mas juntou-se ao brinde. Inês também o fez, ainda que não soubesse se devia. Vasco pouco lhe falara de Ricardo.

— Bem, pior do que este foi o anterior... Não, o antes desse!  
— comentou Sebastião. — Havia de o ter conhecido, Inês!

— Se vamos pôr-nos a desfiar o rol dos desastres amorosos da Cami, vou precisar de ajuda... — riu-se Vasco, estendendo a mão para o vinho.

— Até parece que foram assim tantos! — defendeu-se ela, e apontou o dedo a Sebastião. — Já chega! Até porque estamos a roubar o foco de quem o merece, que é a Inês.

— Não, a sério, não é preciso...

— Eu é que sei se é preciso! Vá, conta lá, como é que conheste o Vasquinho?

Vasco lançou-lhe um olhar quase homicida, mas apressou-se a começar a história, livrando Inês de ter de a repetir.

Foi pelo melhor. Vasco era um excelente contador de histórias. Pintava o cenário com todos os pormenores: um dia de temporal, o café acolhedor, a forma como entrara disparado, a sacudir o guarda-chuva, e olhara em volta, à procura de uma mesa, estando Inês, por coincidência, a limpar uma que acabara de vagar. A rapidez com que se dirigiu a ela e pediu para se sentar, ignorando se haveria fila de espera, e a prontidão com que ela, encadeada pelos olhos dele, concordou, passou o pedido dele à frente dos demais e lhe foi depois levar o café tão nervosa que ainda hoje não sabia como não se espalhou ao comprido e não o entornara.

E o sorriso, aquele sorriso de mil milhões de constelações, que ele fez ao aceitar a chávena e perguntar se ela podia escrever o número de telemóvel na conta quando lha viesse trazer.

— *Suave, suavécito*, mano — gracejou Sebastião.

— Estava a sentir-me corajoso nesse dia — disse Vasco, lançando a Inês uma réplica daquele primeiro sorriso.

— Ainda bem que deu ouvidos à coragem. Inês, é um prazer tê-la aqui connosco — declarou Gustavo, tornando a erguer o copo para um brinde.

*Pronto, são uma família de abraços e brindes*, constatou Inês.

Juntaram-se todos a ele e a seguir, felizmente, a conversa virou-se para o arroz de marisco de Madalena, que merecia todos os rasgados elogios que recebeu.

Infelizmente, não puderam falar dele o resto do jantar, porque a curiosidade de Camila e Sebastião ainda não estava saciada.

— Já trabalhas há muito tempo nesse café onde se conheceram? — inquiriu Camila.

— Há três anos.

— Porque queres ou porque estás de passagem entre trabalhos?

— Cami... — admoestou Vasco, mas Inês interrompeu-o.

— Não faz mal. No início, achei que seria só até encontrar algo melhor, mas acabei por gostar do trabalho e dos colegas. Trabalho com a minha melhor amiga e tudo.

Vasco passou-lhe o braço pelos ombros e sorriu-lhe.

— O que interessa é seres feliz. E sim, pai, não é o melhor trabalho do mundo...

— Não meta palavras na minha boca. Até parece que só dou valor às pessoas pelo cargo que têm! O importante é sentirmo-nos realizados, seja qual for o trabalho.

Inês não conseguia, na posição em que estava, encará-lo, mas sentiu o braço de Vasco retesar-se em volta dos seus ombros. Sondou o rosto de Gustavo, mas ele não ostentava o mínimo cinismo. Pousou a mão na perna de Vasco e afagou-a, para o sossegar. Havia ali algo mais, mas pedir-lhe-ia que a esclarecesse depois.

Reparou que Camila a observava. Quando percebeu que lhe captara a atenção, acenou discretamente e tossicou, aclarando a garganta e chamando a si os holofotes.

— Está na hora do escândalo da semana!

— Ai, não! Não comeces. — Sebastião riu-se, virando-se para Inês e acrescentando em surdina: — A Cami vem para aqui contar os podres todos da malta e o pai fica ainda com mais vontade de os despedir.

— Se fosse despedir todos os funcionários idiotas que tenho, mais valia fechar a porta — resmungou Gustavo. — Conte lá, o que é que aprontaram desta vez?

Camila, triunfante, lançou-se no relato e conseguiu que todos se concentrassem nela e se esquecessem de Inês, que sentiu os ombros libertarem-se da tensão acumulada e o sorriso regressar.

O sorriso que Camila retribuiu, pouco depois, para lhe confirmar que fizera aquilo para lhe salvar a pele, mas sem dar a entender que ficara em dívida para com ela.

Foi aí que Inês teve a certeza de que se tornariam amigas.

### Capítulo 3

Inês observou o seu reflexo no espelho sobre o lavatório de pedra. Era um daqueles espelhos que projetam luz a toda a volta, transformando quem se vê neles numa espécie de *alien*, com anéis de luz em redor das pupilas. No seu caso, dotavam as íris de um azul muito mais claro e mais bonito. Deu-se conta disso, de que, vendo-se naquele espelho, parecia mais bonita, e perguntou-se como é que alguém quereria sair dali. Não só da casa de banho propriamente dita, mas daquela casa, daquela família, daquela realidade inebriante. Invejável.

*Quero isto para mim.*

Às outras pessoas mentia, se fosse preciso — como naquele momento, ao jantar, em que Madalena perguntara se era próxima dos pais e respondera que era órfã —, mas, diante do seu reflexo, olhos nos olhos consigo mesma, não tinha cara para mentir.

Queria aquilo. Queria viver naquela casa, não por causa do luxo, mas porque era uma casa de família. Queria passear-se pelas divisões luminosas e bem decoradas, sentar-se à mesa e ter os lugares à sua volta preenchidos. Queria pertencer a algo maior do que ela própria e contribuir para o tornar maior ainda. Queria deixar de se sentir só.

Fechou a torneira, tirou uma das toalhas do expositor e enxugou as mãos enquanto enfrentava o seu olhar e prometia a si mesma que, desta vez, não ia dar cabo de tudo. Ia tornar-se um deles, custasse o que custasse.

Horas antes, quando a temperatura começou a descer, foram buscar agasalhos para poderem continuar à mesa. Contaram a Inês um sem-número de histórias e piadas privadas, que ela bebeu como

bebeu todo o vinho que lhe serviram, até sentir a cabeça tão leve que deixou de se importar com o que os pais e os irmãos de Vasco pensariam dos beijos que ele lhe dava no pescoço, ou se veriam a mão que passeava pelas suas pernas.

*Sal* dormitava aos pés deles, acordando de vez em quando para pedir festas ou ver se alguém lhe dava comida, mas voltava logo a cair no sono. O crepúsculo deu lugar à noite. A Lua brilhava no céu limpo e refletia-se na superfície serena do mar. Talvez demasiado serena; parecia uma piscina em vez do oceano, as ondas rebentando vagarosas na areia, quase sem fazerem ruído. O paraíso.

E a família ideal para o apreciar.

Nos primeiros meses da relação, Vasco pouco ou nada lhe contou sobre eles. Inês não insistiu, porque compreendia que ele quisesse esperar para se sentir mais confortável antes de lhe abrir completamente a porta do seu mundo. Ainda assim, foi começando a conhecer-lhes as caras, pelas fotografias que via espalhadas pelo apartamento dele, e foi apanhando os nomes, as profissões, alguns traços de personalidade, migalhas aqui e ali que lhe permitiram ir construindo uma ideia da família.

Uma ideia muito aquém da realidade.

As fotografias não permitiam deduzir quão expansivos eles eram, quão despreocupadamente falavam ou o humor negro afiado com que implicavam uns com os outros, sempre a morder os calcanhares, mas sem deixar mazelas. Tampouco a leveza com que a aceitaram. Preparara-se para, tendo em conta o seu estatuto, serem frios, distantes, difíceis. O que não podia estar mais longe da verdade.

As horas escoaram docemente e só quando quis ir à casa de banho e, no corredor, calhou a olhar para o relógio de parede, se deu conta de que já eram duas da manhã. Ao vê-la levantar-se, Madalena aproveitou para dizer que deviam ir todos descansar. Levaram a louça para dentro entre despedidas e planos para o dia seguinte e subiram para os respetivos quartos.

Ouviu bater à porta nesse instante, trazendo-a de volta ao presente. Devolveu a toalha ao expositor, compôs o cabelo e abriu a porta. Madalena estava do outro lado.

— Desculpe, ia já sair...

— Não tenha pressa. Vinha só ver se precisa de alguma coisa?

— Não, não, trouxe tudo comigo. Mas... obrigada.

— Não tem de quê — sorriu Madalena. — O Vasco já devia tê-la trazido cá há muito tempo! Mas o que interessa é que trouxe, e já não a deixamos ir a lado nenhum!

Soltou uma gargalhada que devia ter soado maquiavélica, mas que só a fez parecer espirituosa. Inês voltou a sentir as garras da inveja percorrerem-lhe as costas, por Vasco, Sebastião e Camila terem tido direito a crescer com uma mãe assim.

Teriam noção da sorte que tinham? Não, claro que não. Quem só tem de descer o rio nunca sente a corrente contra.

— Está na minha hora — anunciou Madalena, tapando a boca para tentar disfarçar um bocejo. — Desculpe, Inês, estou mesmo cansada...

— Então, vá descansar. Eu também já ia subir...

— O Vasco já foi para o vosso quarto. É o segundo à direita.

— Obrigada. E obrigada, mais uma vez, por me receberem tão bem.

Madalena pousou-lhe a mão no braço e beijou-a na bochecha, antes de desaparecer em direção à cozinha. Inês certificou-se de que deixava a casa de banho impecável e dirigiu-se para as escadas.

Bateu à porta que Madalena indicara e Vasco veio abrir, só de *boxers*.

— Olha se fosse a tua mãe... — riu-se Inês.

Vasco puxou-a para dentro com um sorriso endiabrado e fechou a porta.

Já se perguntara várias vezes como seria o quarto de infância dele. Se, como no seu, a colcha da cama combinaria com os cortinados, se teria *posters* de bandas clássicas e dos artistas da moda

a cobrir as paredes e as portas do roupeiro, se as prateleiras exibiam presentes dados pelos amigos, medalhas e troféus de algum desporto ao qual se tivesse dedicado obsessivamente e abandonado entretanto, bibelôs e *souvenirs* que lhe tivessem trazido de uma viagem ao estrangeiro — ou, no caso de Vasco, que ele próprio tivesse trazido. O que encontrou, porém, foi uma desilusão: nada naquele quarto, elegantemente decorado em tons pastel e absolutamente despido de personalidade, indicava que Vasco ali tivesse vivido.

— Estava a ver que nunca mais! Perdeste-te lá em baixo?

— Não, mas cruzei-me com a tua mãe e aproveitei para lhe agradecer pelo jantar.

— Também me podes agradecer... — murmurou contra o pescoço dela, começando a despir-lhe o vestido.

— Obrigada por me teres trazido cá. Finalmente.

Vasco cravou os olhos, subitamente sérios, nos dela.

— Sabes que não foi por não te achar a pessoa certa para apresentar aos meus pais...

— Ai não?

— Então, Inês? De onde é que vem isso agora?

A boca torceu-se-lhe de preocupação. Inês arrependeu-se de ter dito aquilo, mas não teve tempo de pedir desculpa. Vasco pegou-lhe na mão e puxou-a para a cama.

— Achas que tenho dúvidas em relação a nós? — inquiriu, sentando-a ao seu colo.

— Não sei... mas esperar onze meses para apresentar alguém aos pais...

— Por mim, tinha-te apresentado no primeiro dia.

Prendeu-lhe uma madeixa de cabelo atrás da orelha, antes de lhe erguer o queixo com meiguice, para poder encontrar-lhe os olhos.

— Só não queria esfregar-te na cara que cresci com direito a isto tudo, quando tu não tiveste a mesma oportunidade.

— Foi mesmo só por isso?

*Não foi por, já que fazes anos no mês que vem, queres evitar o embaraço de me deixar de fora das comemorações, ou então teres de nos apresentar à pressa?*

— Só não queria que te sentisses mal — disse Vasco, mas o vinco na testa não se desfêz. — E também não queria que pensasses outra coisa que acho que passaste a noite a pensar, e que vou já tratar de te tirar da cabeça: que não tens direito a isto também.

— Pois...

— Logo vi. Mas já percebeste que estás errada, certo?

Vendo que ela não respondia, Vasco subiu a outra mão, até então pousada na coxa, para lhe envolver o rosto nas duas e a obrigar a encará-lo.

— Não quero saber em que família nasceste. Não influencia o meu amor por ti.

Anuiu, tentando, de uma vez por todas, meter aquilo na cabeça. Vasco dizia-lho tantas vezes — principalmente quando a sentia mais insegura, por ter acabado o secundário e ter tido de começar a trabalhar, servindo às mesas para pagar as propinas e tirar um curso numa área na qual estivera apenas um par de anos, antes de voltar ao que muitos considerariam a estaca zero —, mas era difícil dar-lhe ouvidos quando as circunstâncias de vida deles eram tão díspares. Ele e os irmãos tinham estudado em colégios e universidades de topo e, mal receberam os diplomas, arranjaram empregos muito mais bem pagos do que aqueles a que ela algum dia poderia almejar. Como não haveria de se sentir inferior?

Como não haveria de temer que os pais dele, descobrindo o seu passado, a julgassem abaixo das expectativas que tinham para o filho?

No entanto, ou Vasco era mesmo muito ingénuo, ou estava-se a marimbar para a opinião dos pais, porque continuava naquele momento a encará-la com toda a serenidade.

— Inês, quer queiras, quer não, já não vais a lado nenhum.

Havia muita coisa que ele dizia só para a fazer feliz, mas algo nos olhos dele lhe deu a certeza de que falava a sério, e fê-la corar tanto que trouxe de volta o sorriso dele.

— Sabes de onde é que também não sais, pelo menos nas próximas horas?

Deitou-se sobre ela tão depressa que lhe arrancou uma gargalhada.

— Se soubesse que ias reagir assim, já te tinha trazido cá há muito — sussurrou Vasco, cobrindo-a de beijos à medida que descia pelo corpo dela.

— Eu sei. Desculpa. Foi só uma ideia parva ...

— Então, não a deixes voltar, porque não tem lugar entre nós.

Anuiu, puxando-lhe a boca para a sua, mas travou o beijo quando o sentiu deslizar a mão por baixo das suas cuecas e enfiar dois dedos dentro dela.

— Eles estão mesmo aqui ao lado...

— Então, não faças barulho — provocou Vasco, com um sorriso travesso. — Não queres estragar a boa impressão que causaste ao jantar, pois não?

\*

Não era por estarem no antigo quarto dele e na cama onde dormira grande parte da vida; Vasco dormia bem em qualquer cama e com qualquer almofada. Inês é que não. Nunca lho disse, mas, sempre que ficavam em hotéis, por mais luxuosos que fossem, dormia pessimamente. Mesmo no apartamento de Vasco, onde, nos últimos tempos, dormia cada vez com mais frequência. Passava a noite a olhar para ele, sentindo-lhe a respiração morna no rosto e tentando absorver algum do descanso que ele conseguia ter. E, nessa noite, ele estava definitivamente a descansar, ressonando levemente e tudo.

O que até poderia ser reconfortante, se Inês não estivesse de atalaia.

Mesmo de olhos fechados, os outros sentidos mantinham-se alerta a tudo o que se passava na casa. Ou que *deveria* passar-se. As paredes eram mais grossas que as do apartamento de Vasco, mas ainda deveria ser possível ouvir o ressonar de Gustavo e dos outros. Só que não ouvia rigorosamente nada além do vento.

Até ouvir os passos.

Surgiram mais adiante, no corredor, a caminho das escadas. Ouviu água correr, pouco depois, na cozinha, e deduziu que alguém estaria com sede. Virou-se para o outro lado na cama e tentou distrair-se, mas em vão. Ficou à espera de voltar a ouvir os passos a subir as escadas e, quando tal não aconteceu, a curiosidade levou a melhor sobre si.

Levantou-se com cuidado para não despertar Vasco. Vestiu a camisa dele, abriu devagar a porta — mas claro que portas de uma casa como aquela estavam sempre perfeitamente oleadas e não chiavam — e passou para o corredor. Tentou adivinhar qual dos quartos estaria vazio, mas vinha o mesmo silêncio sepulcral de todos.

Desceu as escadas. Foi verificar a cozinha, que encontrou vazia, e deduziu que deveria ser Sebastião que andava a pé. Reparara, quando ele fora buscar o casaco, no topo de um maço de tabaco a espreitar do bolso. Se calhar, os pais e os irmãos não sabiam que fumava, e aproveitava a calada da noite para ir ao jardim saciar o vício.

Espreitou para o deque, mas não o viu. Saiu pelas portas envidraçadas e contornou a casa, abraçada a si mesma para fazer face ao vento. Chegando à frente da moradia, concluiu que ele devia ter voltado a entrar enquanto ela dava a volta.

Contudo, já que ali estava, mais valia aproveitar a vista.

Voltou para as traseiras e desceu até à cerca. Encostou-se a ela, num breve intervalo entre os canteiros das rosas vermelhas, pousou as mãos na madeira fria e admirou o oceano. À luz do dia, parecia

muito mais tranquilo, mas agora o fragor das ondas impunha respeito. Não deixava de ser lindíssimo, mas era também mais selvagem. O céu estava limpo, a lua cheia e as estrelas brilhavam em todo o seu esplendor. O cabelo de Inês, cortado pelo pescoço, esvoaçava, atravessando-se-lhe na cara quando se debruçou a fim de olhar para baixo. Não tinha vertigens, mas vendo quão alto a casa ficava, e que a arriba terminava em rochas afiadas e mortíferas, deu um passo atrás.

Mas não a tempo de evitar ver aquilo.

Desviou o olhar, mas era tarde demais. Tapou a boca com a mão, para evitar que o coração saísse disparado, e este ficou-lhe preso na garganta, a martelar desesperadamente, à medida que a temperatura corporal subia e ela lutava contra a vontade de...

Baixou a mão da boca e segurou-se à cerca para voltar a espreitar o miradouro. Ficava uns bons metros abaixo da casa e para a esquerda, a meio da escadaria, esculpida na falésia, que levava à praia. No entanto, apesar da distância e da escuridão, via claramente o miradouro, que mais não era do que um patamar, com dois banquinhos e um muro a proteger quem se sentava neles de cair. Não daria para muitas pessoas lá estarem de cada vez, mas era um recanto agradável para se ficar a admirar a paisagem, a ler, a ouvir música ou apenas a descansar as pernas, a meio da subida da escadaria.

Mas Madalena não estava a descansar.

Era ela, sem dúvida. Estava de costas, com as mãos apoiadas à parede da arriba, mas reconheceu-a pelo cabelo, ainda que apenas parte dele estivesse livre para adejar ao vento. O restante estava bem preso pela mão do homem.

O homem que não era Gustavo, e que a penetrava por trás com tanta força que tinha de lhe tapar a boca para que os gritos dela não se ouvissem na praia inteira.

Inês não conseguiu desviar o olhar. Depois de se fazer luz no seu cérebro para o que estava a ver, o bom senso implorou-lhe que

o fizesse, mas não foi capaz. Continuou a ver o corpo do homem embater no de Madalena, rude, animalesco. Madalena parecia frágil, uma boneca nas mãos dele, segurando-se à rocha enquanto os olhos se reviravam de prazer. Tão diferente da mulher que lhe abrira a porta horas antes, a sentara à mesa com a sua família linda, com a qual conversara e rira a noite inteira, antes de os deixar a dormir serenamente para ir ter com o amante.

Não soube, mais tarde, se foi ela ou uma gaivota a soltar aquele berro, mas chamou-lhes a atenção e fê-la saltar para trás tão depressa que tropeçou e caiu de costas.

Fosse o que fosse, denunciara-a, de certeza. Levantou-se e correu para dentro de casa, dando graças por os outros terem o sono tão pesado. Ela de certeza que teria acordado, mas Vasco não o fez. Quando se deitou ao seu lado, virou-se apenas para a abraçar e sussurrou-lhe: «Anda lá, dorme, precisas de descansar», e nem o bater do coração dela contra o seu peito o despertou.

Segundos depois, já estava a ressonar outra vez, abandonando-a às imagens das quais nem na escuridão conseguiu escapar.

# BEM-VINDOS À CASA DOS SAAVEDRA: REFÚGIO DA FAMÍLIA PERFEITA... E SEPULCRO DOS SEUS SEGREDOS.

Num fim de semana de verão em Santa Cruz, Vasco apresenta a namorada, Inês, ao seu distinto clã. Fascinada pelo estilo de vida privilegiado e pelo caloroso acolhimento de Madalena, a carismática matriarca, Inês acredita ter encontrado o seu lugar nesta família ideal.

Mas a ilusão desfaz-se rapidamente quando Madalena é encontrada morta — um alegado suicídio que ninguém na família aceita como verdade.

À medida que a tranquilidade da vila se transforma em suspeita, regressam ao terreno os inspetores Rodrigo Gonçalves e Fernanda Henriques, acompanhados pela jornalista Leonor Marques, determinados a expor o que realmente aconteceu.

Entre alianças, aparências e segredos enterrados, Inês vê-se dividida entre revelar a verdade e proteger o nome da família que acaba de acolher.

Filipa Amorim regressa com um policial carregado de adrenalina, em que nada é o que parece e todos são suspeitos, para concluir a trilogia de Santa Cruz.



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[penguinlivros.pt](http://penguinlivros.pt)

   penguinlivros

ISBN: 978-989-589-325-6



9 789895 893256